



JOVENS MULHERES CAMPONESAS INSERIDAS NA EJA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Talita da Silva Souza¹-UNEB²
Maria de Fátima Pereira Carvalho³-UNEB²

Resumo: Este texto trata-se de um recorte da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “os sentidos e significados atribuídos à escolarização na vida de jovens mulheres camponesas inseridas na EJA no município de Matina-BA”. Diante dos achados da pesquisa, identificamos uma intensificação das relações de gênero na vida de jovens mulheres camponesas. Isso porque, em sua grande maioria são pessoas pertencentes às classes populares, pobres, pretas, mães, periféricas e camponesas, as quais são diariamente invisibilizadas socialmente. Com intuito de compreender e analisar como as relações de gênero permeiam a vida dessas jovens e como estas questões construídas ao longo da humanidade implicam na escolarização das mesmas. Para isso, utilizamos como instrumentos metodológicos, a entrevista semiestruturada com duas jovens mulheres camponesas estudantes da EJA. Com isso, percebemos diante de suas vozes como tais fatores atravessam e dificultam a volta aos estudos dessas mulheres.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Juventudes. Mulheres camponesas. Relações de gênero.

INTRODUÇÃO

Em meados do século XIX e início do XX, começou-se no Brasil as primeiras lutas e reivindicações pela emancipação e educação das mulheres brasileiras, que até então viviam em condições de submetimento e invisibilidade social. Nesta época, a busca por um país pós independente, que não fosse tão atrasado, colonial e com um número imenso de analfabetos, era o alvo. As pessoas das classes mais abastadas desta sociedade predominantemente rural, marcada pelo patriarcalismo e as desigualdades sociais, tinha acesso a escolas separadas por gênero, as de meninos em que aprendiam ler, escrever, contar e ainda desempenhar noções

¹ Graduanda em Pedagogia pela UNEB Campus XII - Bolsista de Iniciação Científica da FAPESB.

² Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Departamento de Educação – *Campus XII/Guanambi*.

³ Professora adjunta da UNEB Campus XII/Colaboradora do PROINN/Coordenadora da linha de pesquisa: Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos e Movimentos Sociais/NEPE.



geométricas. E as de meninas, que além de aprender a ler, escrever e contar, deveriam desenvolver habilidades com bordados e costuras (Louro, 1997).

As mulheres das classes populares, diferente das citadas anteriormente, não tinham nenhum acesso à escolarização, desde muito cedo sua prioridade era as atividades domésticas, o cuidado com os/as irmãos/as e o trabalho na roça, o qual muita das vezes é tido como “ajuda”, Louro (1997). Percebemos que as questões de desigualdades de gênero, raciais e sociais eram sem dúvida o marcador mais forte daquele período, o que reverbera até os dias atuais, principalmente, quando falamos de mulheres camponesas e estudantes da modalidade de educação de pessoas jovens e adultas. Cujas as características de serem pobres, pretas, moradoras de bairros periféricos ou camponesas, são símbolos de subalternidade e desigualdades construídas e internalizadas nas estruturas sociais ao longo da humanidade.

Diante desse contexto de luta por igualdade de direitos e da escassez de pesquisas acadêmicas sobre mulheres camponesas, este trabalho tem como objetivo discutir e analisar, através das vozes de duas jovens mulheres camponesas pertencentes ao município de Matina-BA, como as relações de gênero permeiam suas vidas e como essas questões impactam sua escolarização na modalidade EJA.

METODOLOGIA

O estudo em questão pauta-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa. A qual usamos como instrumento para a coleta de dados a entrevista semiestruturada, realizada com duas jovens mulheres advindas do campo, com idade entre 18 e 29 anos, regulamente matriculadas na EJA. É importante frisar que, afim de mantermos o anonimato e preservarmos a identidade das participantes, utilizamos nomes fictícios escolhidos pelas mesmas.

Optamos pela entrevista semiestruturada por ser uma técnica que combina perguntas fechadas e abertas, a qual apresenta possibilidades de um diálogo mais amplo, direcionado por uma ou mais perguntas que possam surgir de acordo com a resposta das pessoas entrevistadas, Minayo (2009). Para o tratamento dos dados, recorreremos à análise de conteúdo.



A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO CAMPO: JOVENS CAMPONESAS NA EJA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Ao trazer para o campo empírico a vida de jovens mulheres camponesas estudantes da EJA, primeiramente precisamos compreender a amplitude do conceito de juventude, o qual devido a sua complexidade torna-se o conceito um tanto frágil. No entanto, através das últimas pesquisas realizadas neste campo, compreende que o mesmo se trata de uma construção social, que depende estreitamente da realidade de cada indivíduo, no meio em que vive (Marques, 2019).

De acordo com Freitas e Leão (2011), durante muito tempo, os jovens do campo, tanto homens como mulheres, viveram em condições de invisibilidade social. Isso por fatores como: poucas escolas no campo, envolvimento na produção familiar ainda muito cedo, casamento precoce e, ainda a falta de atividades de lazer. Diante desses estigmas que marcam as juventudes camponesas como todo, é relevante destacar que ser mulher camponesa e estudante da EJA, intensifica ainda mais a situação de invisibilidade social. Isso porque nas comunidades camponesas as relações de gênero ainda são muito presentes, principalmente, na divisão sexual do trabalho, em que as atividades domésticas e de cuidado é na maioria das vezes associado à mulher.

A nosso ver, as questões de gênero vão muito além de definir perspectivas biológicas entre sexo masculino e feminino. O conceito de gênero está ligado à construção social dos sujeitos nas sociedades, e não a características biológicas. Vale ressaltar, que essas questões são construídas principalmente, através das relações de poder, que moldam diante de um determinado contexto social, quais culturas, afazeres, comportamentos e direitos, que ambas as figuras detêm em seu meio social (Louro, 1997).

Durante as entrevistas, as questões de gênero aparecem camufladas nos modos de vida das jovens camponesas, como no caso de Carla, que desistiu da escola por cinco anos por causa da gravidez: *“Já desisti da escola por cinco anos, eu engravidei e não podia estudar, [risos] fiquei com vergonha de vir por conta que eu estava grávida, eu estudava à tarde, nem pensei em vir pra EJA. Aí eu desisti e vir agora, esse ano”* (Carla, entrevista, 2024).



O peso da gravidez na adolescência ainda no processo de escolarização, afetou ambas as jovens que relatam que só voltaram a frequentar a escola por incentivo da família, que ofereceram suporte para cuidar dos/as filhos/as, enquanto as mesmas buscam na EJA a conclusão de seus estudos.

Em um dos depoimentos, é possível perceber também as duras jornadas de trabalho das jovens, que trabalham dentro e fora de casa realizando atividades com baixa valorização, em condições precárias: *“Eu trabalho em casa de família cinco horas por dia e ganho 300 reais por mês, quando eu tenho um tempo livre eu cuido da minha casa”* (Carla, entrevista, 2024).

“Atualmente eu fico em casa mesmo cuidando da casa, não trabalho. Só em casa mesmo cuidando do serviço de casa” (Priscila, relato oral, 2024). Percebemos que nas duas entrevistas, tanto Carla que possui um emprego remunerado, quanto Priscila que na época da pesquisa não tinha uma renda extraída de serviços, não identificam nas estruturas sociais os resquícios da hierarquia de gênero, que atribuem o trabalho doméstico à mulher.

De acordo com Marques (2019) ainda há no campo uma “naturalização” sexual do trabalho muito presente, visto que as jovens relatam que estar na EJA é mais “fácil”, pois, é oferecida à noite, o que possibilita trabalhar, cuidar da casa e da família durante o dia.

A vista disso, compreendemos que o processo de escolarização de jovens mulheres camponesas inseridas na EJA, possui múltiplas facetas, desafios e desigualdades. A disparidade nas relações de gênero é tamanha, e interfere diariamente no dia-a-dia da mulher da classe popular que busca na escola, a superação das condições impostas a ela pelos padrões culturais machistas, misóginos e sexistas, vinculados a uma sociedade patriarcal.

CONCLUSÕES

Diante do exposto, percebemos que, ao longo da história, as mulheres foram atravessadas por inúmeras desigualdades que ainda persistem e afetam principalmente os processos de escolarização de jovens mulheres camponesas inseridas na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O perfil dessas mulheres é frequentemente invisibilizado devido a fatores socioeconômicos, geracionais e raciais na sociedade brasileira.



Além disso, é notório, conforme as falas das duas jovens pesquisadas, a forte presença da "naturalização" sexual do trabalho no campo. Essa naturalização muitas vezes resulta em uma sobrecarga de atividades, o que, por sua vez, ocasiona a evasão escolar de muitas mulheres.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Cristiane Beijamim de. LEÃO, Geraldo. Ser jovem no campo: dilemas e perspectivas da condição juvenil. In: SILVA, Isabel de oliveira. LEÃO, Geraldo (Org.) **Educação e seus autores: experiências, sentidos e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p.141-159.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista. **Vozes**, Petrópolis, RJ, p. 14-36, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres nas salas de aula. In: Mary del Priore. (Org.). História das Mulheres no Brasil. 2. ed. São Paulo: Contexto e UNESP, 1997. p. 443-481.

MARQUES, Tatyane Gomes. Um. **Um pé na roça - outro na Universidade**: experiências de acesso e permanência de jovens mulheres da roça na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). 2019. 366 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria métodos e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.